

Cinema. **É Tudo Verdade**

31/03/12 O ESTADO

# VERÃO PARA NÃO ESQUECER

Festival resgata obra cultuada da dupla Rouch e Morin

**Luiz Carlos Merten**

E o 17.º Festival Internacional de Documentários É Tudo Verdade chega ao fim, com a atribuição, hoje à noite, dos prêmios aos melhores desta edição, no Cinesesc. A cerimônia está apontada para começar às 20h30 e uma hora mais tarde, às 21h30, será exibido o longa vencedor da competição nacional. Amanhã, no mesmo horário, o Cinesesc apresenta o vitorioso da competição internacional. Quais serão esses filmes?

As sessões de longas vencedores carregam sempre a promessa de se assistir a obras de exceção, mas o fim de semana de encerramento do É Tudo Verdade reserva outras atrações especiais. Hoje, às 14h, haverá a exibição da versão restaurada de *Cabra Marcado para Morrer*, documentário de Eduardo Coutinho que muita gente considera não apenas o melhor do autor, como o de todo o cinema brasileiro. Sempre haverá controvérsia quanto a isso. *Santiago*, de João Moreira Salles; *Edifício Master*, do próprio Coutinho; e, independentemente de duração, o curta *Viramundo*, de Geraldo Sarno, que integra a coletânea Brasil Verdade, poderiam muito bem ambicionar o posto. A Sala Cinemateca abriga outras projeções de filmes de Coutinho, incluindo, da série *Globo Repórter*, *Teodorico*, *o Imperador do Sertão* (hoje, 18h) e *O Pistoleiro da Serra Talhada* (amanhã, 18h).

Mas há um outro programa especialíssimo – *A Crônica de Um Verão*, amanhã, também na Sala Cinemateca. Especialistas em documentários dirão que há um antes e um depois na história do cinema do real, que toma como



DIVULGAÇÃO

**Essencial.** Rouch (D), criador do expoente do cinema-verdade

## CRÔNICA DE UM VERÃO

**Cinemateca.** Amanhã, 14 h.

ponto de partida justamente o filme que Jean Rouch e Edgar Morin realizaram em 1959. Na verdade, *Crônica de Um Verão* estreou somente dois anos depois, em 1961, no Festival de Veneza e o que se comemora, portanto, são os 50 anos do filme. Meio século – um período bastante longo, que já permitiu avaliar as qualidades do filme, o primeiro de Rouch fora do continente africano.

Etnólogo, ele havia descoberto as possibilidades do cinema para seus estudos e investigações de fundo científico. Armado de uma câmera, Rouch esquadrinhou a África e, sozinho ou com alunos, fez filmes como *Eu, Um Negro* e *A Pirâmide Humana*. Em *Crônica de Um Verão*, munidos de uma câmera portátil, com gravador acoplado, Rouch

e o antropólogo Morin foram para as ruas de Paris. Aos transeuntes, faziam uma pergunta aparentemente simples, mas que pergunta! Você é feliz?

Talvez seja necessário, para o espectador que vai ver hoje *Chronique d'Un Été* pela primeira vez, reportar-se àquele verão, em particular. Em 1959, os jovens turcos de *Cahiers du Cinéma* também estavam filmando nas ruas da capital francesa, e inventando a *nouvelle vague*. François Truffaut, Jean-Luc Godard e Claude Chabrol faziam ficção. Rouch e Morin, documentário. A busca de liberdade – na forma, no tom –, os instrumentos técnicos eram os mesmos. O tempo estabeleceu os limites do cinema-verdade, o *cinéma vérité*, do qual *Crônica* é um dos expoentes. A liberdade é sempre relativa. E de quem? A pergunta, a escolha dos personagens e a montagem conferem ao filme uma autoria. *Crônica de Um Verão* não é menos por isso essencial por isso.